

## **Metodologias para o Trabalho e a Formação em Saúde: A função Apoio**

**Em 31 de outubro, de 2012 no Auditório Professor Emérito Paulo de Barros Carvalho - Campos Perdizes**

**O seminário foi aberto ao público e contou com a participação de alunos, professores, trabalhadores e gestores das UBSs – Unidades básicas de Saúde que estão no projeto Pró-Saúde / PUC-SP e STS FO Brasilândia Coordenadoria Norte SMSSP.**

Cristina Vincentin, professora da PUC-SP, começa o seminário falando da alegria que é estar em um evento como esse e agradece a presença de todos. Ela fala do Pró-Saúde, que foi iniciado em 2008. E do PET-Saúde que surgiu mais recentemente com o objetivo de unir o SUS e a Universidade. Também agradece a presença do Paideia, grupo da Unicamp, que vem para acrescentar nos trabalhos e aos preceptores e bolsistas do Pet- Saúde. Também anuncia que em novembro haverá o Seminário: Saúde do trabalhador.

Ricardo – Supervisão técnica da Freguesia do ó/Brasilândia, dá as boas vindas, se apresenta e fala sobre a parceria da PUC no Pró-Saúde e agora no Pet-Saúde. Diz que a parceria da PUC com o território da Freguesia do ó/Brasilândia acontece desde meados da década de noventa. Começando com a inserção dos estagiários de Fonoaudiologia, depois Psicologia e mais recentemente de Serviço Social. Ele ressalta que é uma relação madura que vem se transformando e evoluindo. Direcionada para a Atenção básica e o cuidado em saúde.

Ele lembra que o Pró-Saúde, dá impulso à nova abordagem da Atenção básica junto com a clínica ampliada e o NASF- Núcleo de Atenção Saúde da Família. Vindo para reforçar o

cenário de prática e teoria. E com a proposta do Pet- Saúde, junto ao NASF, CAPS – Centro de Apoio Psicossocial e **CECO?**, em uma parceria para fortalecer a saúde mental – álcool e outras drogas.

Ele se refere a FÓ/Brás como um território que desde a década de oitenta vem fortalecendo os espaços coletivos. Afirmando que esse é um território que insiste nisso. Pois, essa é uma forma que encontram para se refazer.

Ricardo fala que há dois anos também contam com a PNH – política Nacional de Humanização, como uma perspectiva de apoio. Os atores do território têm apoiado esses espaços. E os fortalecido com o surgimento dos GTs – Grupos de trabalho - Saúde mental, Redes, Humanização, Reabilitação entre outros.

Cristina Vincentin cita a presença do conselho gestor no seminário para à avaliação das atividades realizadas.

Ela também anuncia que logo após a palestra que será ministrada por Gustavo, o grupo será dividido em seis grupos para discussões fechadas no primeiro momento e depois serão abertas para o geral.

Gustavo começa a palestra sobre clínica ampliada, falando sobre os avanços conquistados. Diz também que nas clínicas o modo de trabalho tende a ser quantitativo. Mas que existem contribuições que nos ajudam a pensar as qualidades das práticas qualitativas. Ele comenta sobre a importância da crítica, elas oferecem a condição de utilizarmos os recursos sem nos perdermos. Para não reproduzirmos o que queremos reformar.

E explica que um dos desafios das práticas clínicas é a baixa adesão. Mas que é importante sabermos as dificuldades dos chamados “poliqueixosos” ou daqueles que vivem de forma diferente, exemplo, pessoa em condição de rua.

Ele fala das dificuldades que o serviço de saúde tem de falar sobre os danos que “produzem”, como por exemplo: ao invés de trabalhar com a autonomia, muitas vezes, reforça-se a dependência dos usuários aos serviços.

Ele lembra das dificuldades dos profissionais em lidar com problemas que abrangem para além do serviço, como por exemplo, as relações de gênero, Como pensar resoluções para problemas coletivos? É preciso pensar resoluções também coletivas, abrindo a roda e envolvendo a todos. Para essa discussão ele indica o centro de saúde Escola – USP, que trata bem esse tema, para quem tem interesse em conhecê-lo melhor.

Ele ressalta que a Clínica ampliada e compartilhada é uma ferramenta teórica e prática que contribui para a abordagem do adoecimento e do sofrimento, que considera a singularidade do sujeito e a complexidade do processo saúde-doença. Enfrentando a fragmentação do conhecimento e das ações de saúde.

E discorre sobre o conhecimento, em que todo profissional tem uma potência e um limite. Por isso a necessidade do trabalho em equipe. Também fala das incertezas que muitas vezes também acabam sendo importantes para que se aprenda a construir com o reconhecimento das potências dos saberes.

Ele lembra que o objeto não pode ser a doença, mas as pessoas, por exemplo, a mortalidade materna negra é seis vezes mais do que a branca. A invisibilidade da mulher negra no serviço, por meio da subjetividade cultural, relações de poder. Questões como essas são desafios cotidianos nas relações de trabalho.

Na divisão dos grupos, participei – Carla – Estagiária de Serviço Social- Pró-Saúde, do grupo que foi conduzido pela Cacau – Paideia. Que começou com a pergunta: O que é

apoio? O grupo respondeu que é escuta, fortalecimento, acolhimento, estratégia de gestão, estar junto, acompanhar, troca de saberes, o apoio aos usuários e a rede, possibilitar acontecimentos. O acolher é o imediato apoio é a continuação do cuidado. O acolhimento é uma postura permanente. No apoio um desafio é não ser uma tutela.

Em seguida as discussões seriam abertas para o seminário geral.

Esta ata foi redigida pela estagiária Carla Cavalcanti (S.Social)